

A RECORRÊNCIA DO ROTACISMO COMO ELEMENTO FONÉTICO AFRICANO NA PRONÚNCIA DO CAMPISTA NATIVO: UMA PESQUISA DE CAMPO INDICIAL

Neilda da Cunha Alves Ferro (UENF)

neildasocial@yahoo.com.br

Thiago Soares de Oliveira (UENF)

so.thiago@hotmail.com

Resumo:

O presente trabalho tem como objetivo ressaltar a ocorrência do rotacismo como herança fonético-fonológica africana no linguajar do povo campista, com o intuito de contribuir indicialmente para a verificação de um traço histórico-social que marcou esta sociedade e que ainda é incipiente entre os pesquisadores da cidade e da região. Assim, de forma específica, pretende-se recolher e analisar amostras de ocorrências de rotacismo a partir de inquéritos fonético-fonológicos aplicados a campistas nativos, apontando que a recorrência de tal elemento fonético-fonológico é, na verdade, um traço de caráter histórico, como já apontam Pessoa de Castro (2001) e Aragão (2011), por exemplo. Metodologicamente, por fim, em razão da fonte de dados a que se recorre, este estudo classifica-se como uma pesquisa de campo.

Palavras-chave:

Africanidades. Rotacismo. Campos dos Goytacazes.

1. Considerações iniciais

No Brasil, segundo Lucchesi *et al.* (2009), a constituição linguística contemporânea teve maior proeminência africana do que indígena, informação que alicerça o ponto principal mais básico deste trabalho: a verificação indicial da recorrência do rotacismo como elemento fonético-fonológico africano na fala de campistas nativos. Na realidade, em Campos dos Goytacazes mais especificamente, a manutenção de determinada herança africana no colóquio dos que aqui habitam pode estar em saliência porque, segundo Lima (1981), a cidade foi um dos grandes focos de rebeldia negra no período do Império, mesmo antes da interferência dos abolicionistas, sendo hoje, conforme apontam Ferro e Oliveira (2018b, p. 248), “a segunda cidade brasileira com maior massa populacional de negros, ficando atrás apenas de Salvador-BA”.

Nessa linha de pensamento, objetiva-se, por meio da pesquisa de campo, recolher e analisar amostras do rotacismo a partir de inquéritos

fonético-fonológicos aplicados a campistas nativos, como forma de evidenciar de maneira indicial o que, de forma geral, já foi comprovado por Pessoa de Castro (2001) e Aragão (2011): a ocorrência de rotacismo é uma marca africana na fala de brasileiros. Assim, como instrumento da pesquisa, aplicar-se-á um inquérito fonético-fonológico a doze pessoas negras, em uma amostragem de três pessoas por bairro, com idade a partir de cinquenta anos¹, sendo nativos² da cidade e habitantes de quatro bairros periféricos³ (Custodópolis, Goytacazes, Guarus e Jockey Club), os quais foram escolhidos de acordo com o quantitativo de pessoas negras (pretas e pardas) lá residentes e que estão, atualmente, entre os mais populosos do município, conforme orientam os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Centro de Informações e Dados de Campos (CIDAC).

Dessa forma, tratar-se-á da questão do rotacismo propriamente dito, considerando brevemente a formação da identidade dos nativos campistas e levando-se em conta o contexto contemporâneo. Assim, refletir-se-á, a partir dos dados coletados e analisados, acerca da ocorrência do fenômeno como traço fonético-fonológico da formação da identidade cultural campista, devido à relação com a escravatura. Tal fato histórico, apesar de ser atribuído à influência africana, não integra o escopo precípua do trabalho aqui desenvolvido, motivo pelo qual não ser objeto de aprofundamento teórico⁴. Apesar de ser marca linguístico-identitária do campista, a questão fonética do rotacismo não tem sido abordada nos campos científicos da cidade, sendo lacunosa a produção

¹ Estima-se que o fenômeno do rotacismo seja antigo na cidade de Campos dos Goytacazes, assim optou-se por entrevistar pessoas negras a partir dos cinquenta anos de idade, pois, supostamente, teriam mais vivências em relação à manifestação do referido fenômeno.

² Considera-se nativa, para fins deste trabalho, a pessoa que nasceu em determinado lugar e que carrega na sua identidade os costumes e tradições do local. Segundo o Censo IBGE/2010, Campos tem cerca de 400.000 habitantes, e os nativos seriam aqueles remanescentes das culturas que, até hoje, estão enraizadas no local de nascimento desses povos. Para as análises aqui pretendidas, consideram-se os processos linguísticos como fenômenos também culturais, sobretudo o fenômeno do rotacismo, que contribuiu significativamente para a formação da cultura e da identidade campista.

³ Devido à proposta deste trabalho consideramos bairros periféricos toda a área que fica ao redor do centro da cidade, conhecida como área suburbana.

⁴ Cf. Ferro e Oliveira (2018a) e Ferro e Oliveira (2018b), autores que abordaram recentemente a temática.

de novos conhecimentos na área, o que motiva academicamente esta pesquisa.

Por fim, não se tem a pretensão de esgotar o assunto neste trabalho, fato que justifica a escolha do quantitativo diminuto de doze pessoas como amostra para a pesquisa que, por ser indicial, não daria conta de um número maior de indivíduos, o que seria desejável para um trabalho de grande porte realizado em uma cidade com mais de 200 mil negros (pretos e pardos) como habitantes. Nesse sentido, há de se ter em vista que, aqui, não se pretende comprovar a ocorrência geral do rotacismo (isso já foi feito), mas, a partir de uma comprovação pré-existente, almeja-se buscar no campo indivíduos campistas que apontem para a extensão de tal fenômeno a uma cidade específica: Campos dos Goytacazes.

2. *A identidade dos campistas nativos na contemporaneidade: breves comentários*

Neste capítulo, tomaram-se como referência as amostras recolhidas a partir do inquérito fonético-fonológico, que visou à representação indicial da ocorrência do rotacismo como base identitária e cultural do modo de ser campista contemporâneo⁵. Acredita-se que tal fenômeno faça parte de um conjunto de peculiaridades que aponta para características históricas do grupo social campista, como é o caso da ideia de pertencimento⁶, já que a forma de manifestação linguística é, ao que parece, um elemento preponderante na análise de outras propriedades significativas, também resultantes de processos históricos que caracterizam tal grupo. Assim é que se chega à contemporaneidade, quando os descendentes daqueles que formaram os alicerces da

⁵ A noção de “contemporâneo” é utilizada em sentido geral, não havendo referência a conceitos que possam advir de ciências e/ou disciplinas diversas.

⁶ Não se fala aqui de uma noção consciente de pertencimento, mas de um pertencimento social, isto é, à sociedade campista. Cf. sítios eletrônicos tais como: <http://mariachiquinha-mariachiquinha.blogspot.com.br/2009/02/aqui-se-falacampistas>; <https://www.buzzfeed.com/bellaisdead/dicionario-de-expressoes-campistas>; <http://pauloaurivesnipecremiscencias.blogspot.com>.

sociedade campista apresentam particularidades de um nativo goitacá, como resultado de um legado que reafirma uma cultura e uma tradição.

Antes de qualquer coisa, dir-se-ia que a identidade campista contemporânea transcorre de um processo socioeconômico advindo do escravismo, em que os negros representavam um considerável contingente populacional. Por isso, “é de capital importância compreender que o hibridismo de povos em Campos, vislumbrado a partir da óptica da relação escravista, é característica da formação sociocultural de tal município” (FERRO; OLIVEIRA, 2018b, p. 257). A identidade também pode ser apreciada como resultado de uma vida ruralista que se desenvolveu desde a colonização e que, no início do século XIX, por causa da culminância da fabricação do açúcar, incentivada pelas novas tecnologias e pela abertura de capitais, acelerou, segundo Lamego Filho (1945), o progresso da região, com o consequente enriquecimento dos grandes latifundiários.

À medida que os novos fazendeiros campistas acumulavam mais capital por meio das propriedades e escravarias, adquiriam também prestígio, respeito e poder. Assim, novas tendências do açúcar desenvolveram o capitalismo na planície, estabelecendo uma engrenagem significativa para a modernização e expansão urbana, com a introdução da máquina a vapor na fabricação do açúcar, resultando, principalmente, na abertura de estradas e rodovias e na construção de vias férreas, tendo como consequência um reordenamento da sociedade campista (SILVA, 1984). É o fim das engenhocas e a decadência dos pequenos colonos produtores.

Em fins do séc. XIX, há um crescimento da população urbana. Os bairros constituíram-se no município: a área central e seu entorno foram reservados à construção de casarões dos grandes latifundiários e usineiros e também de casas comerciais de luxo, pois eram onde se concentravam as atividades sociais, econômicas e políticas do município, além dos interesses da classe burguesa. Por isso, tal área era estruturada e saneada. Por outro lado, os bairros periféricos, os quais, em sua maioria, formaram-se entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, não dispunham de infraestrutura, e foram povoados principalmente por africanos livres, porém pobres, além de alguns indivíduos migrados das regiões rurais da planície, os quais se aventuraram na periferia urbana do município, e escravos libertos pós-abolição, que não tiveram perspectiva de sobrevivência, pois, com a modernização os novos postos de trabalho, exigiam profissionais habilitados e letrados. Outros bairros

periféricos, todavia, formaram-se também na zona rural por força dos habitantes que continuaram nas pequenas propriedades, como foi o caso dos ex-escravos e dos colonos. As habitações dos bairros periféricos eram precárias e a conservação da identidade constituída com a colonização, como o linguajar, era evidente (LAMEGO FILHO, 1945).

3. Considerações gerais sobre a pesquisa de campo

Para analisar os aspectos linguísticos presentes na fala de um povo, é preciso considerar um estudo interdependente entre os campos da Fonética⁷ e da Fonologia⁸ para que sejam sistematizados os sons da fala, considerando os aspectos fonéticos percebidos na produção desses sons. Por outro lado, o que complementa o estudo da produção sonora é a fonologia, que está relacionada com o sistema e os padrões que os sons possuem. Nesse sentido, compactua-se com o entendimento de Mori (2012, p. 160), segundo o qual “o estudo da fonética de uma língua, qualquer que seja, resulta pouco proveitoso, de alcance limitado, se não se considera a função que os segmentos fônicos desempenham no sistema dessa língua”. Dessa forma, eis a Figura 1:

Modo de Articulação	Ponto de Articulação											
	Bilabial		Labiodental		Dent./Alv.		Pal-Alveolar		Palatal		Velar	
	Sur.	Son.	Sur.	Son.	Sur.	Son.	Sur.	Son.	Sur.	Son.	Sur.	Son.
Oclusiva	/p/	/b/			/t/	/d/					/k/	/g/
Fricativa			/f/	/v/	/s/	/z/	/ʃ/	/ʒ/			/x/	
Nasal		/m/				/n/				/ɲ/		
Lateral						/l/				/ʎ/		
Vibrante						/r/						

Figura 1: Classificação das consoantes.

Fonte: Hora (2003)

⁷ De acordo com Cristóforo Silva (2015, p. 23), “a fonética é a ciência que apresenta os métodos para a descrição, classificação e transcrição dos sons da fala, principalmente aqueles utilizados na linguagem humana”.

⁸ Em poucas palavras, a fonologia “estuda as diferenças fônicas correlacionadas com as diferenças de significado [...], ou seja, estuda os fones segundo a função que eles cumprem numa língua específica, os fones relacionados às diferenças de significado e a sua inter-relação significativa para formar sílabas, morfemas e palavras” (MORI, 2012, p. 159).

A Figura 1 serve de base para a classificação dos fonemas consonantais, notadamente o “l” e o “r”, que interessam a este trabalho. Quanto a tais fonemas, eles coincidem no ponto de articulação, classificando-se como alveolares⁹, mas se diferenciam no modo de articulação, uma vez que /l/ é a representação de uma consoante constrictiva lateral¹⁰, enquanto o /r/ é uma constrictiva vibrante¹¹. Como o ponto de articulação diz respeito ao obstáculo necessário à articulação consonantal, sendo ambos os fonemas produzidos pelo toque da ponta da língua nos alvéolos dos dentes incisivos superiores, a troca do /l/ pelo /r/ fica explicada por meio dos elementos que compõem o aparelho fonador. Como exemplos, podem-se citar: *clara* por *crara*; *ciclovía* por *cicrovia*. Tal fenômeno pode ocorrer também numa coda silábica¹², como é caso de *talco* por *tarco* e *palco* por *parco*.

Obviamente, a questão do rotacismo não se esgota no elemento físico; há também o histórico, que se abordou brevemente durante o trabalho, mas recebeu tratamento mais aprofundado nas obras de Ferro e Oliveira (2018a) e Ferro e Oliveira (2018b). A fim de evidenciar o que se vem afirmando a respeito do rotacismo, busca-se nos estudos de Xavier (2010) o entendimento de que o quimbundo, que predominou no Brasil, sobretudo em Campos dos Goytacazes, não tinha o /r/ no seu rol consonantal, conforme ilustra o Quadro 2:

⁹ Alveolares são as consoantes formadas quando a ponta da língua entra em contato ou se aproxima dos alvéolos dos incisivos superiores.

¹⁰ Diz constrictiva lateral, quanto ao modo de articulação, a consoante produzida quando há obstáculo parcial na articulação, sendo que a corrente de ar sai entre as bochechas e a língua.

¹¹ Nesse caso, a corrente de ar produz, na ponta ou no dorso da língua, uma vibração.

¹² Coda silábica diz respeito à posição final que a consoante ocupa na sílaba, ou seja, a consoante se posiciona depois da vogal (mel, vender, etc).

séries		bilabial		labiodental		alveolar		palatoalveolar		velar		glotal	
oclusiva	oral	p	b			t				k			
	pré-nasaliz		mb				nd				ŋ		
nasal			m				n						
fricativa	oral			f	v	s	z	ʃ	ʒ				h
	pré-nasaliz				mv		nz		nʒ				
lateral							l						

Quadro 2: Inventário dos fonemas consonantais do quimbundo
Fonte: Xavier (2010)

Observa-se no quadro acima que o quimbundo é composto de 20 fonemas consonantais distribuídos em quatro séries (oclusivas, nasal, lateral e fricativa) de acordo com suas funções. Dentre tais fonemas, não se encontra o /r/ como sinalizado anteriormente. Outra questão analisada por Xavier (2010) é o fato de os povos africanos falantes da língua banto/quimbundo desconhecerem os encontros consonantais existentes na língua portuguesa, episódio que poderia servir de barreira no contato com o português e, conseqüentemente, ter influenciado na construção da língua brasileira por intermédio dos africanos comercializados para o Brasil, os quais formaram, juntamente com os portugueses, a identidade do campista, por isso a presença do rotacismo.

Então, procede-se, nesta parte do trabalho, a uma pesquisa fonético-fonológica objetivando verificar, em busca de apontamentos, de marcas, a ocorrência do fenômeno do rotacismo na fala do povo campista. Para tanto, realizou-se a coleta de dados com doze moradores negros da cidade, ressaltando que o universo da pesquisa foi pequeno diante do número atual de habitantes (463.731 habitantes)¹³, por se tratar de uma amostragem indicial e devido à não pretensão de que tal análise seja esgotada nesse estudo científico de caráter incipiente. Em outras palavras, sabe-se que o rotacismo é uma herança africana (PESSOA DE CASTRO, 2001; ARAGÃO, 2011), logo a pequena amostra recolhida

¹³ Note-se que esse dado acompanha o último censo IBGE, realizado em 2010.

tem o caráter de vislumbrar, de sinalizar a ocorrência do fenômeno em Campos dos Goytacazes.

Como parte dos procedimentos metodológicos, recorreu-se ao Projeto Atlas Linguístico do Brasil¹⁴, do qual se utilizam o modelo de ficha e a proposta do questionário para estruturar o inquérito fonético-fonológico, procedendo-se da seguinte forma: primeiro, foi formulado o inquérito como instrumento de coleta dos dados da pesquisa, avaliando a fala de doze pessoas negras, acima de cinquenta anos e residentes em bairros¹⁵ periféricos do município, quais sejam Jockey Club (3 pessoas), Goytacazes (3 pessoas), Parque Guarus (3 pessoas) e Custodópolis (3 pessoas). Para a escolha dos bairros, utilizaram-se como base os dados do censo de 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os quais foram aprimorados pelo Centro de Informação e Dados de Campos (CIDAC). A partir disso, foi possível identificar quais eram os bairros periféricos nos quais residem majoritariamente pessoas pretas e pardas, dentre os quais foram escolhidos quatro.

É preciso destacar, a propósito, que a idade mínima de cinquenta anos foi selecionada em razão do entendimento de que, entre falantes mais velhos, pode-se verificar a manutenção de determinados traços fonético-fonológicos, inclusive o rotacismo, fenômeno antigo que é objeto de pesquisa neste trabalho. Outro fato relevante diz respeito à escolaridade dos pesquisados (vide Quadro 3), dada à necessidade de saber se esse fator interfere na construção do rotacismo. Para tanto, a aplicação do inquérito contou com a colaboração de pessoas conhecidas ou moradoras dos bairros selecionados, a fim de que indicassem indivíduos que se enquadrassem no perfil escolhido para o estudo.

Nesse sentido, preparou-se o inquérito enumerando alguns dados básicos do entrevistado como: indivíduo X idade, escolaridade, bairro e se o pesquisado já residiu em outra cidade. Além disso, selecionaram-se vinte palavras cuja pronúncia possibilitasse a ocorrência do rotacismo em dois contextos: a) consonantal (bl,cl, fl, gl, pl, tl, vl) e coda silábica (al,

¹⁴ Informação sobre o AliB, pesquisar em: <http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/WebHome>.

¹⁵ Conforme os dados do IBGE os bairros selecionados contém o seguinte número habitacional: Custodópolis 6.984 hab; Goytacazes 11.290 hab; Guarus 12.820 hab; Jockey Club 4.824 hab.

el, il, ol, ul). No momento da coleta de dados, foi explicado aos sujeitos que o material faz parte de um estudo incipiente na grande área da língua portuguesa, com a finalidade de obter o título de “professora de português e literaturas”¹⁶ em curso ministrado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense – *campus* Campos Centro.

O inquérito foi aplicado entre os meses de novembro e dezembro de 2017, e, diante das respostas, os resultados foram transcritos o mais fidedignamente possível. Antes da execução da tarefa, porém, a pesquisadora que aplicou os inquéritos procurou deixar os pesquisados descontraídos, sem interferir nas respostas dadas, oportunizando um “bate-papo” agradável e espontâneo, introduzindo também outras perguntas sobre o cotidiano, o passado e o presente, com o objetivo de diminuir a percepção dos sujeitos acerca da verdadeira intenção da pesquisa, na tentativa de evitar o automonitoramento comum nesse tipo de trabalho.

Nessa conjuntura, foram aplicados dez inquéritos na residência dos pesquisados e dois no Fórum Municipal de Religiosidade de Matrizes Africanas, realizado no dia 02 de novembro de 2017, no Instituto Federal Fluminense, organizado pelo Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial de Campos dos Goytacazes. Essa logística ocorreu pela oportunidade de aproveitar o aglomerado de participantes no evento para fins de economizar o tempo. Todos (quatro homens negros e oito mulheres negras) se mostraram interessados em participar da pesquisa, apesar de três dos pesquisados sentirem-se pouco à vontade no início do processo, necessitando da intervenção da pesquisadora para que aceitassem participar do inquérito. Além disso, o fator distância foi um “dificultador” importante, visto que os quatro bairros estão geograficamente localizados na área periférica do município, conforme perfil elencado para a inquirição. Considerou-se ainda como um ponto de dificuldade da pesquisa a escolha das vinte palavras (10 com encontros consonantais e 10 com codas silábicas), uma vez que as perguntas deveriam facilitar a resposta do pesquisado, pois o que interessava era a pronúncia. Mesmo assim, algumas perguntas não foram bem entendidas por alguns inquiridos, necessitando de uma explicação mais detalhada para que eles pudessem respondê-las. Eis alguns exemplos:

¹⁶ A expressão “Licencianda em Letras” não foi utilizada, a fim de facilitar o entendimento dos pesquisados.

- a) Na pergunta cuja resposta era a palavra *placa*, 07 inquiridos sentiram dificuldade em reconhecer tal objeto apenas por meio da indagação (“O que se põe nas estradas para indicar a direção dos carros?”). Dessa forma, os questionamentos foram repetidos pelo menos quatro vezes por pesquisados sendo que um deles de 92 anos, residente em Custodópolis, não soube responder à questão. Porém, quando soube que se tratava do vocábulo *placa*, o indivíduo pronunciou o vocábulo deixando evidente a ocorrência do rotacismo;
- b) Outro problema reconhecido foi na palavra *globo*. Quando foi perguntado “Qual é o nome da emissora de TV onde passa o programa Jornal Nacional”? Um dos pesquisados não identificou de imediato a resposta esperada. Do mesmo modo, em alguns momentos, a pesquisadora pediu aos pesquisados que repetissem a resposta dada, em razão da falta de inteligibilidade. A intenção era ouvir a pronúncia do inquirido com clareza e anotá-la no formulário com a máxima precisão, pois a aplicação do inquérito não foi gravada e a nitidez da resposta era imprescindível.

As vinte perguntas contidas no inquérito basearam-se em palavras nas quais houvesse a possibilidade de ocorrência do rotacismo. No que se refere à constituição da coda silábica (al, el, il, ol, ul), não houve ocorrências de rotacismos¹⁷. Por outro lado, o rotacismo, nas palavras que continham grupos consonânticos (bl, cl, fl, gl, pl, tl, vl), foi bastante comum. As repostas foram no geral: *bicicreta*, *bíbria*, *brusa*, *chicrete*, *craro*, *crara*, *croro*, *grobo*, *praca*, *inframada*. A troca do /l/ pelo /r/ foi constatada.

Assim, antes que se avance para a análise dos dados contidos nos inquéritos, apresentam-se o Quadro 3 e o Gráfico 1 com os dados dos pesquisados, elencados no inquérito.

¹⁷ Conforme mencionado, duas pessoas não souberam a resposta.

Escolaridade	Idade	Bairro	Sujeito da Pesquisa
Ensino Médio Completo	54	Goytacazes	Indivíduo A
Ensino Fundamental Incompleto – 4ª s	62	Goytacazes	Indivíduo B
Ensino Médio Completo	53	Goytacazes	Indivíduo C
Ensino Fundamental Incompleto – 3ª s	74	Custodópolis	Indivíduo D
Analfabeto	63	Custodópolis	Indivíduo E
Analfabeto	92	Custodópolis	Indivíduo F
Ensino Fundamental Incompleto – 1ª s	56	Guarus	Indivíduo G
Ensino Médio Completo	53	Guarus	Indivíduo H
Ensino Fundamental Incompleto – 7ª s	61	Guarus	Indivíduo I
Ensino Médio Completo	69	Jockey	Indivíduo J
Superior Completo	65	Jockey	Indivíduo L
Ensino Fundamental Incompleto – 2ª s	64	Jockey	Indivíduo M

Quadro 3: Características básicas dos sujeitos
Fonte: Dados da pesquisa

Note-se, a partir do Quadro 3, que, da maioria dos sujeitos que respondeu ao inquérito fonético-fonológico, a baixa escolaridade¹⁸ foi observada (7 indivíduos do total de 12 inquiridos), sendo: dois analfabetos¹⁹, cinco indivíduos com o ensino fundamental incompleto, quatro que concluíram o ensino médio e apenas um com nível superior completo. Também se percebe que, no bairro Custodópolis, todos os indivíduos têm baixa escolaridade, enquanto nos demais há pelo menos um sujeito com ensino médio ou superior completos. Apesar de a amostra ser relativamente pequena, se comparada à população total dos bairros²⁰, esse dado pode funcionar com um indício que pode vir a suscitar novas pesquisas acerca da relação entre o grau de escolarização dos indivíduos nessa parte da cidade e a ocorrência do rotacismo.

Quanto à faixa etária, o Quadro 3 aponta que, entre os doze indivíduos inquiridos, quatro têm entre 50 e 60 anos de idade; seis, entre 60 e 70 anos (metade da amostra); um, entre 70 e 80 anos; e apenas um entre 90 e 100 anos de idade. Vale ressaltar que em todos os bairros há uma mescla de faixa etária dos sujeitos da pesquisa, à exceção do Jockey, bairro no qual todos os indivíduos estão na faixa que compreende entre os 60 e 70 anos de idade. De forma análoga ao que se registrou em relação à escolaridade, a questão relativa à idade por servir de apontamento para o desenvolvimento futuro de pesquisa aprofundada que relacione o fenômeno do rotacismo à idade dos sujeitos.

Agora, eis o Gráfico 1:

¹⁸ Para efeitos deste trabalho, “baixa escolaridade” significa não ter concluído pelo menos o ensino médio.

¹⁹ Para efeito de esclarecimento, Ribeiro (1997) compreende, de modo bastante sucinto, o analfabeto como aquele indivíduo que não sabe ler e escrever.

²⁰ Conforme os dados do censo demográfico do IBGE (2010).

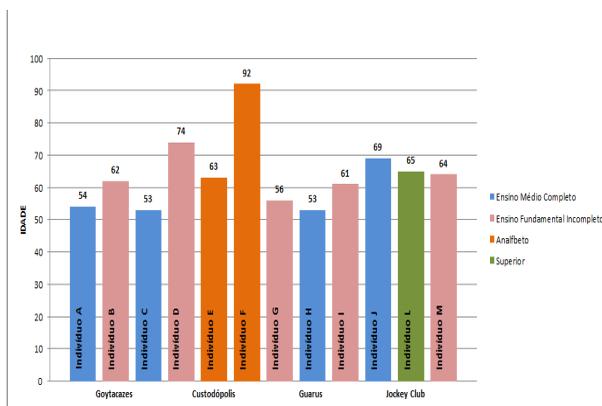


Gráfico 1: Grau de escolaridade dos entrevistados
 Fonte: Dados da pesquisa realizada em Nov/dez-2017

O Gráfico 1 relaciona a idade dos sujeitos ao grau de escolarização, apontando que: a) dos quatro indivíduos que têm ensino médio completo, três se situam na faixa etária entre 50 e 60 anos, ou seja, na faixa de idade mais baixa no que diz respeito a um dos critérios fixados para a pesquisa (idade mínima de 50 anos); b) há uma mescla entre os indivíduos que têm ensino fundamental incompleto, sendo apenas um na faixa etária mais baixa (entre 50 e 60 anos), três com faixa intermediária, isto é, entre 60 e 70, e apenas um com idade mais avançada (entre 70 e 80 anos); c) quanto aos analfabetos, um se posiciona na faixa mais baixa, enquanto o outro, na mais elevada (entre 90 e 100 anos); d) há um sujeito com ensino superior completo, na faixa entre 60 e 70 anos de idade. Por se tratar de uma amostra reduzida, pelo próprio caráter da pesquisa, não fica clara uma relação necessária entre os fatores idade e grau de escolarização.

4. Dos resultados da pesquisa

Conforme explicitado acima, quatro bairros periféricos serviram de *locus* para a aplicação dos inquéritos fonético-fonológicos, visando a verificar a ocorrência do rotacismo na fala do povo campista na atualidade. A partir da aplicação dos inquéritos, procedeu-se à análise dos dados obtidos em cada bairro, cujos resultados estão apresentados a seguir. Eis o Quadro 4:

	Indivíduo J	Indivíduo L	Indivíduo M
	Ocorrência de rotacismo		
Alto	Não	Não	Não
Bicicleta	Sim	Sim	Sim
Calça	Não	Não	Não
Bíblia	Sim	Sim	Sim
Caldo	Não	Não	Não
Blusa	Sim	Sim	Sim
Falso	Não	Não	Não
Chiclete	Sim	Sim	Sim
Folga	Não	Não	Não
Clara	Sim	Sim	Sim
Salgado	Não	Não	Não
Claro	Sim	Sim	Sim
Palco	Não	Não	Não
Cloro	Sim	Sim	Sim
Filtro	Não	Não	Não
Globo	Sim	Sim	Sim
Alpiste	Não	Não	Não
Placa	Sim	Sim	Sim
Solto	Não	Não	Não
Inflamada	Sim	Sim	Sim

Quadro 4: Ocorrência de rotacismo no bairro Jockey Club

Fonte: Dados da pesquisa

Conforme o Quadro 4, percebe-se que, na fala dos três indivíduos, ocorreu rotacismo nas palavras que contêm encontro consonantal. Por outro lado, não ocorreu da mesma forma com as palavras nas quais se encontram codas silábicas, sendo o [l] a segunda letra (al, el, il, ol, ul). Observa-se, também, que, na fala do indivíduo L (65 anos), portador de

diploma nível superior completo, ocorreu rotacismo em todas as palavras que contêm encontros consonantais (bl, cl, fl, gl, pl, tl, vl). Durante o inquérito, o indivíduo **J** (69 anos), que é irmão do indivíduo **L**, relatou que cursou o ensino médio completo e que, entre idas e vindas, residiu em Niterói/RJ por pelo menos dez anos, porém observou-se a ocorrência de rotacismo em todas as palavras com encontros consonantais, o que pode apontar para uma suposta não influência da mudança de local de residência em relação à ocorrência do fenômeno analisado. Na fala do indivíduo **M** (64 anos), que estudou até a 2ª série do ensino fundamental, também se observou a ocorrência de rotacismo nos encontros consonantais já especificados.

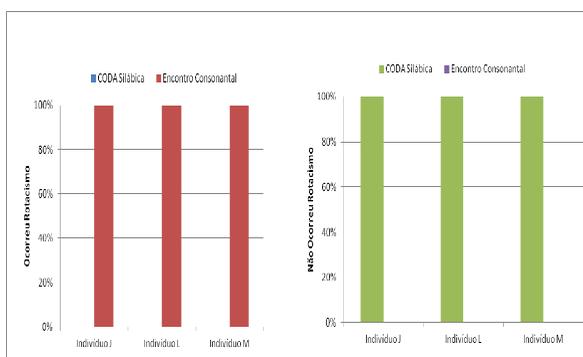


Gráfico 2: Percentagem da ocorrência de rotacismo na fala dos sujeitos do Jockey.
Fonte: Dados da pesquisa.

O Gráfico 2 representa percentualmente a ocorrência do rotacismo na fala dos sujeitos moradores do bairro Jockey Club, em Campos dos Goytacazes. Como se verifica, a ocorrência do fenômeno se deu no percentual de 50%. Isso porque, na fala dos três indivíduos inquiridos, a ocorrência se notou na pronúncia de todas as palavras que contêm encontros consonantais, vocábulos estes que representam metade das perguntas do instrumento de pesquisa. Em relação à coda silábica, nenhuma ocorrência foi verificada, o que totaliza 50% das perguntas do inquérito. A seguir, o Quadro 5:

	Indivíduo G	Indivíduo H	Indivíduo I
	Ocorrência de rotacismo		
Alto	Não	Não	Não
Bicicleta	Sim	Não	Sim
Calça	Não	Não	Não
Bíblia	Sim	Não	Sim
Caldo	Não	Não	Não
Blusa	Sim	Não	Sim
Falso	Não	Não	Não
Chiclete	Sim	Não	Sim
Folga	Não	Não	Não
Clara	Sim	Não	Sim
Salgado	Não	Não	Não
Claro	Sim	Não	Sim
Palco	Não	Não	Não
Cloro	Sim	Não	Sim
Filtro	Não	Não	Não
Globo	Sim	Não	Sim
Alpiste	Não	Não	Não
Placa	Sim	Não	Sim
Solto	Não	Não	Não
Inflamada	Sim	Não	Sim

Quadro 5: Ocorrência de rotacismo no bairro Parque Guarus.

Fonte: Dados da pesquisa.

Quanto ao Quadro 5, a ocorrência de rotacismo na fala dos indivíduos **G** e **I** é análoga à dos sujeitos do bairro Jockey Club, ou seja, o fenômeno foi verificado em todas as palavras que contêm encontro consonantal; nas que contêm coda silábica, a ocorrência foi nula. Ressalte-se que o rotacismo não foi verificado na fala do Indivíduo **H**, nem em coda silábica (o que já era esperado, considerando os demais resultados) nem em encontro consonantal (o que não se esperava, já que,

no bairro a que se refere o Quadro 4, houve 100% de ocorrência do fenômeno nesse caso e com todos os indivíduos). Em seguida, vide o Gráfico 3:

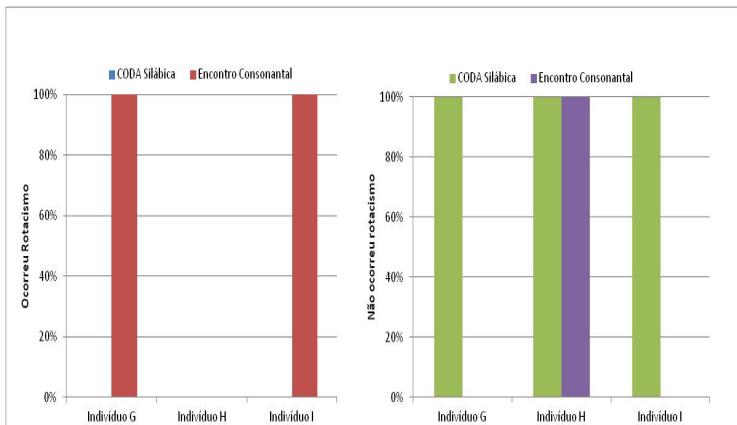


Gráfico 3: Percentagem da ocorrência de rotacismo na fala dos sujeitos do Paque Guarus. Fonte: Dados da pesquisa.

De acordo com o Gráfico 3, do total de 60 ocorrências (soma das perguntas aplicadas aos três indivíduos), percebe-se que houve 20 ocorrências de rotacismo contra 40 não ocorrências. Na fala do Indivíduo **H** (53 anos), por exemplo, que cursou o ensino médio completo, não foi verificada a ocorrência de rotacismo em nenhuma das palavras apresentadas no inquérito. Já na dos indivíduos **G** e **I**, o rotacismo ocorreu em todas as palavras (percentual de 50% do total de perguntas) com encontros consonantais (bl, cl, fl, gl, pl, tl, vl), enquanto que não foi registrado o fenômeno em nenhuma das palavras com coda silábica (al, el, il, ol, ul). Os três inquiridos do Parque Guarus têm basicamente a mesma faixa etária, porém escolaridades distintas. Quanto ao Indivíduo **I** (61 anos) especificamente, caminhoneiro, estudou até a 7ª série do ensino fundamental, apesar de ter viajado por muitos estados brasileiros, por causa da profissão, verificou-se a ocorrência do fenômeno nas suas respostas. O indivíduo **G**, por sua vez, de 56 anos de idade, estudou até a 1ª série do ensino fundamental. Depois de responder ao inquérito, ele se desculpou por entender que “cometeu muitos erros” na fala, alegando que estudou pouco. Vide, agora, o Quadro 6:

	Indivíduo D	Indivíduo E	Indivíduo F
	Ocorrência de rotacismo		
Alto	Não	Não	Não
Bicicleta	Não	Sim	Sim
Calça	Não	Não	Não
Bíblia	Não	Sim	Sim
Caldo	Não	Não	Não
Blusa	Não	Sim	Sim
Falso	Não	Não	Não
Chiclete	Não	Sim	Sim
Folga	Não	Não	Não
Clara	Não	Sim	Sim
Salgado	Não	Não	Não
Claro	Não	Sim	Sim
Palco	Não	Não	Não Soube
Cloro	Não	Sim	Sim
Filtro	Não	Não	Não
Globo	Não	Sim	Sim
Alpiste	Não	Não	Não
Placa	Não	Sim	Não Soube
Solto	Não	Não	Não
Inflamada	Não	Sim	Sim

Quadro 6: Ocorrência de rotacismo no bairro Custodópolis

Fonte: Dados da pesquisa

O Quadro 6 ilustra a ocorrência de rotacismo na fala dos sujeitos inquiridos do bairro Custodópolis. A situação do Indivíduo **D** é semelhante à do Indivíduo **H**, morador do Parque Guarus, já que na fala de nenhum dos dois foi verificada a ocorrência de um rotacismo sequer. Em relação aos Indivíduos **E** e **F**, trata-se de situação análoga à dos demais inquiridos (exceto os Indivíduos **D** e **H**), à exceção deste último,

que não soube a resposta de duas questões: uma envolvendo encontro consonantal e outra contendo coda silábica. O evento foi interpretado como uma dificuldade relativa às perguntas componentes do instrumento de pesquisa. Ainda que se tenha tentado optar por vocábulos de conhecimento geral como respostas para o inquérito, as palavras “placa” e “palco” não foram mencionadas como resposta às questões 13 e 18, por desconhecimento ou por não entendimento da pergunta, acredita-se.

Ainda em relação ao Indivíduo **F**, das outras 18 perguntas, houve ocorrência de rotacismo nas 9 de encontro consonantal, mas não nas 9 de coda silábica. Esse indivíduo tem 92 anos e nunca foi à escola porque, segundo ele mesmo relatou, seus pais preferiram que trabalhasse “na casa dos brancos”, “no corte de cana”, para ajudar nas despesas de casa. Ele relatou, ainda, que reside até hoje na mesma casa de sapé e telhado de palha, construída pelo seu pai e que, posteriormente, foi reformada com tijolo maciço, cimentos, telhas coloniais (depois laje). Esse dado corrobora a informação de que o bairro de Custodópolis teve como primeiro nome “Cidade de Palha”, conforme menciona Cordeiro (2012). Esse indivíduo revelou se sentir triste por não saber ler nem escrever e, por isso, exigiu que todos os filhos estudassem pelo menos até o “2º grau”.

O Indivíduo **E**, especificamente, também comentou a respeito da sua situação escolar: nunca foi à escola para que pudesse trabalhar em “casa de família” e “no corte de cana”, situação bastante semelhante à do Indivíduo **F**. Com 63 anos, disse que queria saber ler e escrever. Nas respostas do inquérito em questão, ocorreu rotacismo nas 10 palavras de encontro consonantal, mas, nas 10 que contêm coda silábica, não foi constatada ocorrência. O mesmo ocorreu com o indivíduo **D**, de 74 anos e que estudou somente até a 3ª série do ensino fundamental. Ele disse que sabe que “fala errado” por causa do seu “pouco estudo”. Eis o Gráfico 4:

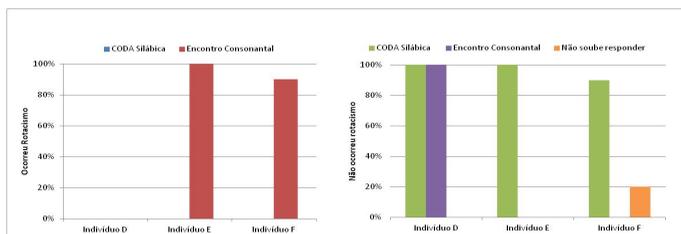


Gráfico 4: Percentagem da ocorrência de rotacismo na fala dos sujeitos de Custodópolis.
Fonte: Dados da pesquisa.

Diante dos dados acima apresentados no Gráfico 4, nota-se que o Indivíduo **D** respondeu a 100% das perguntas sem que se verificasse a ocorrência do rotacismo. Já na fala do Indivíduo **E**, que também soube reponder a todas as perguntas do inquérito, ocorreu rotacismo em 50% das questões, todas relacionadas às respostas que contêm palavras com encontros consonantais, não sendo observado o fenômeno nos vocábulos com coda silábica (50% do total das perguntas). Relativamente ao Indivíduo **F**, este não soube responder a 10% das perguntas (2), mas, das 90% repondidas, a ocorrência do fenômeno se deu no percentual de 45% em relação aos vocábulos com encontro consonantal, enquanto os outros 45% das perguntas foram preenchidos pela não ocorrência de rotacismo nas palavras com coda silábica, na esteira do que se vem verificando com a manifestação oral dessa composição de sílaba. Agora, vide o Quadro 7:

	Indivíduo A	Indivíduo B	Indivíduo C
	Rotacismo		
Alto	Não	Não	Não
Bicicleta	Sim	Sim	Sim
Calça	Não	Não	Não
Bíblia	Sim	Sim	Sim
Caldo	Não	Não	Não
Blusa	Sim	Sim	Sim
Falso	Não	Não	Não
Chiclete	Sim	Sim	Sim
Folga	Não	Não	Não
Clara	Não	Não	Não
Salgado	Não	Não	Não
Claro	Não	Não	Não
Palco	Não	Não	Não
Cloro	Sim	Sim	Sim
Filtro	Não	Não	Não
Globo	Sim	Não	Sim
Alpiste	Não	Não	Não
Placa	Sim	Sim	Sim

Solto	Não	Não	Não
Inflamada	Sim	Sim	Não

Quadro 7: Ocorrência de rotacismo no bairro Goytacazes.

Fonte: Dados da pesquisa.

Trata-se do último bairro onde foram aplicados os inquéritos. Nota-se, no Quadro 7, a existência de dados que trazem peculiaridades, pois, entre os três sujeitos do bairro de Goytacazes, houve rotacismo na pronúncia de algumas palavras que contêm encontros consonantais, mas em outras não. Nas respostas do Indivíduo **A**, que tem ensino médio completo, observou-se a ocorrência de rotacismo nas palavras de encontro consonantal *bicicleta*, *bíblia*, *blusa*, *chiclete*, *globo*, *claro*, *placa* e *inflamada*, mas não em *cloro*, *clara*. Tal indivíduo tem 54 anos e cursou o ensino médio completo. Fato semelhante ocorreu com os outros dois sujeitos, quais sejam os Indivíduos **B** e **C**. Na fala do indivíduo **B** (62 anos), que estudou até a 4ª série do ensino fundamental, ocorreu rotacismo em sete palavras com encontro consonantal (*bicicleta*, *bíblia*, *blusa*, *chiclete*, *cloro*, *placa* e *inflamada*), mas não em *globo*, *clara* e *claro*. No que se refere à coda silábica, o rotacismo não ocorreu nas 10 palavras. O indivíduo **C** tem 53 anos e cursou o ensino médio completo. Não se verificou o fenômeno nas palavras com coda silábica nem em três palavras com encontros consonantais (*inflamado*, *claro* e *clara*). O rotacismo aconteceu somente nas palavras com grupos consonânticos: *bicicleta*, *bíblia*, *blusa*, *chiclete*, *cloro*, *placa*, *globo*. Agora, vide o Gráfico 5:

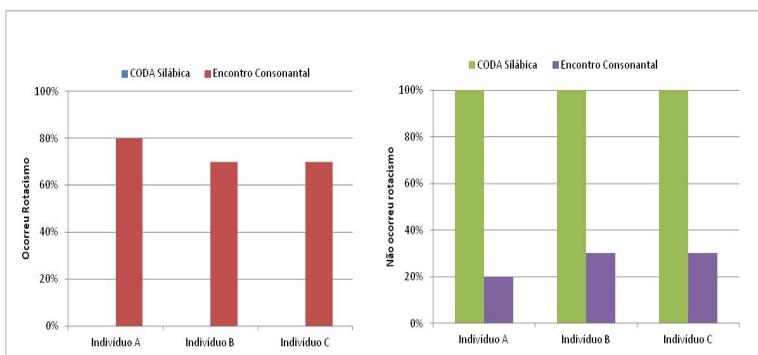


Gráfico 5: Percentagem da ocorrência de rotacismo na fala dos sujeitos de Goytacazes.

Fonte: Dados da pesquisa.

O Gráfico 5 aponta que a ocorrência de rotacismo na fala dos três sujeitos inquiridos no bairro Goytacazes ficou em torno de 60 a 80%, ou seja, houve aproximação percentual da ocorrência do fenômeno fonético. O Gráfico também aponta para uma aproximação entre os casos de não ocorrência do rotacismo na fala dos sujeitos. Para que se possa ver, em linhas gerais, como se deu a ocorrência do rotacismo entre os doze participantes da pesquisa, eis o Gráfico 6:

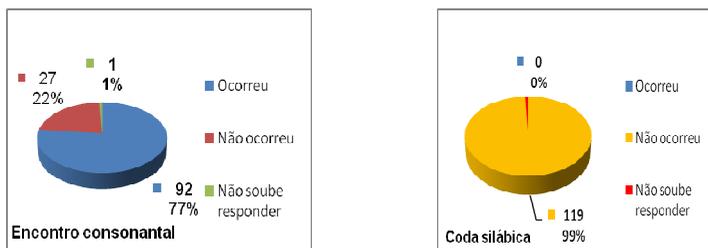


Gráfico 6: Resultado percentual total do inquérito fonético-fonológico.
Fonte: Dados da pesquisa.

Em se tratando das duas modalidades de rotacismo analisadas neste trabalho, pode-se apontar que os sujeitos a quem se aplicou o inquérito não manifestam oralmente²¹ o rotacismo, quando o fonema /l/ compõe uma coda silábica. O que se percebe é que, em palavras como *alto* e *falso*, tal fonema não se manifesta como constrictivo lateral, mas semivocalizado (/w/), e isso, possivelmente, é uma das causas da não ocorrência do fenômeno em coda. Interessante notar isso porque, historicamente, a maior incidência do fenômeno, em Campos dos Goytacazes, dá-se na pronúncia das palavras construídas com os encontros consonantais, tratados por SILVA e SILVA (2016) como “peculiaridade fonética” cultural ocorrida na Planície Goytacá. Quando os moradores fazem a troca do “L pelo R – tanto na fala quanto na escrita – ele está ratificando essa tendência marcante no idioma há séculos” (SILVA E SILVA, 2016, p. 54), tema linguístico presente no Brasil desde o século XVII. Nesse sentido, a inclusão das palavras que

²¹ A manifestação oral a que se refere este trecho do trabalho diz respeito à pronúncia das palavras que compuseram o inquérito fonético-fonológico como forma de verificar a ocorrência do rotacismo na fala dos sujeitos inquiridos.

supostamente possibilitariam o rotacismo na pronúncia de palavras com coda silábica ocorreu para que se pudesse verificar de forma indicial se, de fato, tais questões históricas são procedentes na época atual. E o são.

Já as palavras cuja composição continha encontro consonantal, a verificação do rotacismo foi abundante. É nesse sentido que se entende que a identidade de um povo é construída e mantida por meio de um conjunto de elementos comuns a determinadas regiões, os quais são resultados da diversidade cultural. Isso inclui a questão linguística, como se pode notar após a análise dos dados indiciais. O campista nativo parece trazer, em seu contexto histórico, uma marca identificada no fenômeno do rotacismo em grupos consonantais com /l/ que, mesmo com o desenvolvimento sociocultural ocorrido durante os séculos, permanece vivo. Diante dos dados incipientes coletados, considera-se o rotacismo, enquanto herança fonético-fonológica africana como uma expressão identitária dos nativos da planície goitacá na época contemporânea.

5. *Considerações finais*

Assim, a linguagem permeia o conhecimento, o modo de agir e de pensar de um grupo social. Apesar da ocorrência do rotacismo na fala dos sujeitos integrantes da pesquisa, não se considera tal fenômeno como marca de “erro na pronúncia”, porque a maneira de falar é possibilitada pela própria língua, mesmo que não seja observada a norma-padrão.

Nesse sentido, o rotacismo em encontros consonantais de palavras como *bicicreta*, *Craudia*, *frecha*, *chicrete*, *cicrovía* marcam, de certa forma, a população campista contemporânea. É esse linguajar que, na atualidade, ainda se ouve na periferia do município, servindo como um elemento de identificação sociocultural do cidadão. Entende-se, então, que, na língua portuguesa do Brasil, principalmente em Campos, esse fenômeno fonético é um patrimônio herdado dos africanos, que participaram do processo de construção da linguagem popular. E isso pôde ser evidenciado de forma indicial neste trabalho.

O resultado da pesquisa revela a ocorrência do rotacismo em determinados bairros periféricos de Campos, demonstrando que, num total de 240 perguntas (120 encontros consonantais e 120 codas silábicas, sendo 20 perguntas para cada um dos 12 inquiridos), encontramos rotacismos em noventa respostas dos entrevistados, todas referentes aos encontros consonantais, mas não houve ocorrência do rotacismo nos

vocábulo em que se observa coda silábica. Indicialmente, embora 75% dos informantes tivessem ouvido, em algum momento da vida, a pronúncia padrão de algumas palavras inseridas no inquérito, eles não se “desvencilharam” do rotacismo, fato que confirma a hipótese (pesquisa indicial, repete-se) de que esse fenômeno participa da identidade sociocultural da população nativa campista conforme já atestava Pessoa de Castro (2011) e Aragão (2011). Vide que a fala do indivíduo L, que concluiu o ensino superior, é marcada pela constância do rotacismo. Nesse contexto, não se afirma que a ocorrência do rotacismo na fala seja resultado de falta de escolarização ou “erro”. Acredita-se que se trata de uma questão cultural que acompanha a população campista há séculos, logo o rotacismo não é percebido pelo falante porque está enraizado, inclusive, no seu convívio social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Africanismos no português do Brasil. In: *Revista de Letras*, vol. 30, 1/4, jan. 2010/dez. 2011, p. 7-16. Disponível em: http://www.revistadeletras.ufc.br/Revista%20de%20Letras%20Vol.30%20-%201.4%20%20jan.%202012%20.%20dez.%202011/r130art01_Africanismos_no_portugues_do_Brasil.pdf. Acesso em: 28 fev. 2018.

Aqui se fala campistês. Disponível em <http://mariachiquinha-mariachiquinha.blogspot.com.br/2009/02/aqui-se-falacampistes>. Acesso em 12 de mar 2018.

BRASIL. Ministério de Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Censo Demográfico 2010. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?uf=33&dados=1>. Acesso em: 05 mai. 2017.

CIDAC – Centro de Informações de Dados de Campos. Disponível em: <http://cidac.campos.rj.gov.br/wp-content/uploads/files/perfil-bairros-2014>. Acesso em: 05 mai. 2017.

CORDEIRO, Hélvio Gomes. *Quilombo*: terra da esperança. Campos dos Goytacazes, RJ: Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima, 2012.

CRISTÓFARO SILVA, Thaís. *Fonética e fonologia do português*: roteiro de estudos e guia de exercícios. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

Dicionário de expressões campistas. Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/bellaisdead/dicionario-de-expressoes-campistas>. Acesso em 15 de mar. de 2018.

FERRO, Neilda Cunha Alves. OLIVEIRA, Thiago Soares de. A escravidão africana em Campos dos Goytacazes: contexto histórico de resistência e coisificação do negro. In: SILVEIRA, Éderson Luiz da (Org.). *Os efeitos do autoritarismo: práticas, silenciamentos e resistências (im)possíveis*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2018a. Disponível em: https://docs.wixstatic.com/ugd/143639_9b4b174694eb4011a3ec0cf3f744d5a8.pdf. Acesso em: 27 fev. 2018.

FERRO, Neilda Cunha Alves. OLIVEIRA, Thiago Soares de. Colonização, cultura e língua em Campos dos Goytacazes: a questão africana na construção identitária do município. In: *Entreletras*, Araguaína/TO, v. 9, n. 3, p. 237-260, out./dez. 2018b. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/5863/14634>. Acesso em: 27 fev. 2018.

HORA, Demerval da. Fonética e Fonologia. In: HORA, Demerval da; COLLISCHON, Gisele (Orgs.). *Teoria linguística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora Universitária, 2003.

LAMEGO FILHO, Alberto. *O Homem e o Brejo*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Conselho Nacional de Geografia, 1945.

LUCCHESI, Dante *et al.* O português afro-brasileiro: as comunidades analisadas. In: LUCCHESI, Dante. BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (orgs.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 15 fev. 2017.

MORI, Angel Cobera. Fonologia. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina (Orgs.). *Introdução à linguística – domínios e fronteiras*. Volume 1. 9. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2012.

PESSOA DE CASTRO, Yeda. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Topbooks. 2001.

Projeto Atlas Lingüístico do Brasil – ALIB. Disponível em: <https://alib.ufba.br/>. Acesso em: 28 fev. 2018.

RIBEIRO, Vera Masagão. Analfabetismo funcional: referências conceituais e metodológicas para a pesquisa. In: *Revista Educação e Sociedade*. Vol. 18, n. 60, p. 144-158, 1997. Disponível em www.scielo.br – Acesso em 12 de mar 2018.

SILVA, Osório Peixoto. *Os momentos decisivos da história dos Campos dos Goitacazes*. Rio de Janeiro: Serviço de Comunicação da PETROBRÁS, 1984.

XAVIER, Francisco as Silva. *Fonologia segmental e supra-segmental do quimbundo: variedade de Luanda, Bengo, Quanza Norte e Malange*. São Paulo: EDUSP, 2010.